

Breves reflexões sobre a historiografia inglesa: o grupo da revista *Past & Present*.

*Maria Manuela R. de Sousa Silva **

No exato momento em que os grandes sistemas explicativos do devir histórico desmoronam-se à nossa volta, e em que mal ainda vislumbramos no horizonte epistemológico um paradigma substitutivo, talvez valha a pena refletir sobre alguns caminhos já percorridos pela historiografia de nosso século.

Este retorno a um passado mais ou menos próximo, não significa de forma alguma uma simples rendição passadista a modelos de explicação histórica já gastos. Ele é antes a tentativa de recuperar um certo feixe de problemáticas, cuja potencialidade heurística, longe de ter sido esgotada, apresenta ainda hoje inequívocos sinais de vitalidade.

Referimo-nos aqui particularmente a uma linha historiográfica inglesa, que muito embora lance suas raízes no séc. XIX, só adquire uma sólida sustentação teórica e metodológica a partir da adoção da proposta marxista, que passa então a ser comum a um grupo de estudiosos reunidos em torno do Partido Comunista Inglês.

Pelo menos a partir dos anos 30 de nosso século, estes historiadores apresentam em comum uma paixão pela história e pela análise sociológica da sociedade, além, claro, de um profundo interesse pela discussão de um projeto político para a sociedade de seu tempo. Era fundamentalmente este aspecto que os levava a engajarem-se em frequentes debates sobre a concepção marxista,

* Professora do Dept. de história da UFRJ, doutora em história pela USP

trocando entre si experiências, cujo veículo de divulgação seria, a partir de 1952, a Revista Past & Present.

Desta forma, o grupo de historiadores basicamente constituído por C.Hill, M.Dobb, Rodney Hilton, E.Hobsbawm, G.Child e E.P.Thompson, pôde ao longo do tempo adquirir uma coerência e identidade próprias, que lhe são conferidas quer pela partilha de um mesmo projeto político, quer pela opção teórica assumida - o marxismo - questões constantemente atravessadas pelo debate, aspecto que certamente terá contribuído para a sua renovação.

De fato, em relação à postura política, o grupo teve sempre um papel destacado não só na formação da consciência democrática, tanto a nível nacional quanto internacional, mas também interveio de maneira ativa e através de ações diretas na vida política da Inglaterra, pondo ao serviço destas duas causas sua rica e instigante produção historiográfica.

Já no que se refere à investigação histórica, duas grandes e decisivas preocupações dominam o grupo. De um lado, o esforço constante em aprofundar e enriquecer, à luz das novas aquisições e debates intelectuais, o campo teórico legado pelo pensamento marxista, sem ceder a esquematismos fáceis, ou simplesmente cair num dogmatismo estéril. Tal atitude deveu-se em grande parte à preocupação do grupo em submeter toda e qualquer análise empírica ao controle da teoria e esta ao confronto constante com os dados empíricos.

Por outro lado, o grupo mantém como preocupação fundamental o social, realidade construída a partir do conceito de luta de classes, fenómeno capaz de captar, no calor dos enfrentamentos sociais cotidianos, as aspirações, sonhos e frustrações das classes subalternas. Desenha-se, assim, uma clara opção pelos desfavorecidos e silenciados, em detrimento das elites ou classes dominantes.

Desde a década de 1920\1930, a atividade historiográfica do grupo vai preferencialmente centrar-se em torno de algumas linhas de pesquisa histórica, que de certa forma permanecerão até aos tempos atuais.

Uma primeira linha de pesquisa vai debruçar-se sobre o grande acontecimento revelado pela Guerra Civil Inglesa, destacando-se neste campo os trabalhos pioneiros de C.Hill, R.Hilton, M.Dobb e E.Hobsbawm. Este tema já havia despertado interesse entre os historiadores socialistas da geração anterior, posto que lhe conferiam uma importância decisiva na construção das instituições democráticas inglesas.

Efetivamente, era então idéia corrente entre os historiadores de tendência radical de esquerda, que nem Cobbett nem sequer o movimento Cartista do séc.XIX, haviam gizado os verdadeiros alicerces da democracia inglesa. O que havia realmente propiciado um campo fértil ao desabrochar deste ideal político eram os grandes debates encaminhados por Putney, em torno dos princípios fundamentais defendidos pela ala esquerda do Parlamento (WHIG), durante o conturbado período da Guerra Civil.

Aqui parece radicar-se o grande interesse, não só pelo estudo da formação da sociedade inglesa sob os Tudor e Stuart, mas também pela gênese do capitalismo, objeto que vai suscitar um amplo debate na década de 50 acerca da transição do feudalismo para o capitalismo. Há que recordar que estas discussões foram primeiramente encaminhadas pelo trabalho pioneiro de M.Dobb num célebre trabalho intitulado *Estudos sobre o desenvolvimento do Capitalismo* (1).

A princípio, o debate restringe-se ao espaço físico do reino Unido e Commonwealth, tendo à frente historiadores como Hilton, Hill, K.Takahashi, P.Sweezy, J. Merrington além, claro, de M.Dobb. Mais tarde a polêmica extrapola a Inglaterra e passa a contar com outros historiadores, tais como G.Lefebvre e G.Procacci, aos quais viria a juntar-se, em breve, P.Anderson com sua peculiar abordagem estruturalista (2), para o qual o estudo da estrutura do Estado Antigo adquire uma importância fundamental para a compreensão do desenvolvimento econômico e social dos países europeus, na medida em que ele determinará uma peculiar e original evolução do capitalismo no mundo ocidental.

Paralelamente ao estudo sobre a gênese e evolução do capitalismo na Inglaterra, vemos despontar um particular interesse pela formação da classe trabalhadora. Este tema já havia sido anteriormente abordado por Hammond, historiador de tendência socialista, que irá exercer uma grande influência quer nos trabalhos de E.P.Thompson, dedicados à formação da classe trabalhadora, quer nos estudos de Rudé e Hobsbawm sobre os movimentos revolucionários de massa.

Outro tema amplamente abordado foi o dos movimentos sociais de caráter popular que agitaram a Inglaterra por boa parte da Idade Média e inícios dos Tempos Modernos, tais como os Diggers, Levellers e Anabaptistas (3). Paralelamente ao desabrochar deste novo interesse pelos movimentos sociais de base, surge uma intensa preocupação pela publicação de documentos, que passam a ser acompanhados de ricos e instigantes comentários, mais tarde reunidos em quatro volumes, graças à incansável persistência e abnegação de Dora Torr, fundadora do Partido Comunista Inglês nos anos vinte.

Mas será na segunda geração de historiadores marxistas que esta história construída “from below” (a partir de baixo, i.e. das classes subalternas e não das elites) e posta em movimento pela ação contestatória das camadas mais desprotegidas da sociedade, passa a adquirir um novo componente jacobino, graças à influência da historiografia do outro lado do Canal da Mancha, principalmente das obras de Soboul e Lefebvre sobre a Revolução Francesa (4).

Uma terceira linha destaca-se pelo interesse dedicado à Antiguidade, particularmente às civilizações grega e romana. Estas sociedades, se por um lado, constituíam o próprio fundamento da cultura ocidental, por outro, propiciavam ao historiador um rico campo de observação das lutas de classe, pondo em relevo certas determinantes, que posteriormente irão atuar em formações sociais mais complexas.

Dentro desta linha de orientação destacam-se os trabalhos pioneiros de Farrington, G.Thomson, G.Child e E.P.Thompson, escritos todos eles no decorrer dos anos trinta e quarenta.

O fato de termos já assinalado uma identidade de pontos de vista entre os componentes do grupo de historiadores marxistas, não significa que sua trajetória tenha sido linear ou imune às turbulências que marcaram, de forma verdadeiramente dramática os últimos sessenta anos de nosso século, sequer que tenha apagado as diferenças individuais embutidas em seu interior.

Para melhor entendermos as diferentes conjunturas políticas e ideológicas às quais o grupo foi-se adaptando, recorreremos a três ensaios publicados na década de oitenta, e que de certa forma constituem os primeiros esforços de entendimento da trajetória percorrida por esta orientação historiográfica.

O primeiro ensaio a aparecer foi o do historiador R. Samuel publicado na *New Left Review* (5). Nele o autor procura demonstrar que este grupo constitui o desembocadouro natural de todo um complexo e diversificado desenvolvimento, que se inicia nos trabalhos pioneiros de Marx e Engels e a partir dos quais se vêm enxertar posteriormente outros tipos de influência.

Entre as mais significativas influências o autor destaca o movimento religioso puritano, a tradicional formação e educação metodista inglesa tão nítida, por exemplo, na formação de E.P. Thompson e C. Hill, as aspirações democráticas oriundas dos primeiros levantes sociais (Diggers e Levellers), os acirrados debates da ala esquerda radical dos Whig, a influência de historiadores socialistas ingleses (Cole e Tawney), franceses (Soboul e Lefebvre), a tradição liberal radical de uma "History from below", o não conformismo oriundo da Reforma, o livre pensamento, o racionalismo, além, claro, das teorias evolucionistas de Darwin e Morgan.

A segunda tentativa de entendimento da trajetória historiográfica do grupo é elaborada por E. Hobsbawm, numa espécie de artigo-resposta às análises de R. Samuel. Contrariamente a este, Hobsbawm chama a atenção do leitor para o fato de que inexistia, pelo menos até à implantação do Partido Comunista Inglês, uma verdadeira tradição marxista na historiografia nacional.

A atuação decisiva do grupo que se reconhece como marxista de formação, só começaria a afirmar-se no interior dos quadros do Partido a partir de 1946\1956. A esta geração mais antiga, em breve, se juntariam outros mais novos, tais como Rudé, Saville, Morton e Kiernan.

Finalmente o último ensaio da autoria do historiador e ensaísta R.Jonhson tem como principal preocupação demonstrar que a influência do grupo na historiografia inglesa se deu de forma decisiva no período de pós-guerras, mais precisamente de 1950 a 1960, momento em que é possível identificar com clareza uma postura política comum, bem como uma unidade de objetivos quanto à pesquisa histórica (6).

Ainda que seja absolutamente impossível negar a influência do ideário marxista via Partido, há que atentar para as considerações de R.Samuel, quando enfatiza a influência de determinadas tradições intelectuais e morais anteriores à formação do Partido, e que certamente contribuíram para uma melhor e mais coerente absorção das idéias marxistas.

Esta convivência contínua com múltiplas tradições e origens intelectuais das mais diversas procedências, deve, sem dúvida, ter impedido que o grupo se fechasse sobre si mesmo, mantendo-o aberto a questionamentos que se foram colocando ao longo das diferentes conjunturas políticas e sociais.

Aqui parece residir uma das características mais interessante do grupo - o de sem abrir mão dos postulamentos marxistas - manter um infundável diálogo com outros historiadores e pesquisadores.

No campo estritamente político, o grupo mantém idêntica postura, favorecendo o intercâmbio com profissionais de tendências políticas diversas, desde que seus postulamentos se pautassem pelo respeito aos princípios democráticos de uma sociedade pluralista progressista.

Expressão deste enriquecedor diálogo encontramos-lo na Revista Past & Present, fundada no ano de 1952. Embora a revista mantivesse desde seu surgimento uma estreita ligação com o Partido Comunista Inglês, ela, contudo, permanece independente

deste, ao abrigo de todo e qualquer patrulhamento ideológico e político.

Esta condição que se mantém até hoje, é sem qualquer espécie de dúvida, a responsável pela renovação e originalidade imprimida à pesquisa histórica, bem como pela criatividade das reformulações que têm vindo a ser feitas em torno de velhas questões.

Embora a primeira edição da revista só surja em fevereiro de 1952, a idéia de sua criação data, pelo menos, dos anos 1949\1950, quando J.Morris, aliado a um pequeno grupo de velhos amigos, resolve dar forma a um antigo sonho - o de levar a história até ao grande público não especializado, numa linguagem acessível, sem perder, contudo, em nenhum momento o rigor científico.

Sugere inicialmente como título para a revista, *Bulletin of Marxist Historical Studies*. Este nome, tempos depois, virá a ser substituído por *Past and Present*, uma vez que o primeiro se mostrava demasiado restritivo, pois parecia sugerir a exclusão de historiadores não marxistas. De fato, se a revista pretendia abranger o maior número de colaboradores e atingir amplamente o público leitor, como era desejo declarado de seus fundadores, ela decerto, não poderia ser exclusivamente destinada à reprodução dos trabalhos de historiadores marxistas.

Porém, seus idealizadores tinham clara consciência de que, embora a revista constituísse um espaço aberto a historiadores de outras tendências teórico-metodológicas, nela não havia lugar para posições reacionárias e conservadoras.

Desta forma, a revista surge como uma espécie de divisor de águas entre por um lado, uma minoria conservadora e anticomunista, e por outro, uma maioria que sustentava posições políticas progressistas e tinha abordagens historiográficas afins.

Na introdução ao primeiro número redigido por E.Hobsbawm, G.Barracough e J.Morris, transparece de imediato uma concepção de história marcada por um inegável cunho social, na medida em que a definiam como “a história das transformações pelas quais a sociedade passa, decorrente de sua própria natureza”.

Desde o início da circulação da revista, mantida a duras penas por sérias questões financeiras, nela colaboram sociólogos e antropólogos de renome, dentre os quais destacam-se nomes como Max Gluckman, Ph. Abrams, G. Homans, fato que revela a profunda ligação do discurso histórico com as demais ciências sociais.

Interessante notar, que mesmo historiadores fora do grupo marxista como P. Burke (7), reconhecem em sua formação acadêmica a profunda influência exercida pela Sociologia e a Antropologia, principal característica do pensamento historiográfico inglês.

Mas a revista consegue sobreviver com grandes dificuldades, talvez tão somente devido à dedicação altruísta de seus membros fundadores, que nela trabalham sem receber qualquer tipo de remuneração, apenas recorrendo às contribuições e donativos de amigos e de instituições particulares.

Por ocasião da Guerra-fria, a revista começa a sofrer violentas pressões por parte de setores mais conservadores da sociedade inglesa. Decerto não passava despercebido que sendo o Conselho Editorial da revista majoritariamente constituído por comunistas, seria bem difícil acreditar que os temas abordados, bem como as posturas políticas defendidas fossem alheias ao ideário marxista.

Embora as desconfianças se mostrassem na prática totalmente infundadas, pois jamais houve notícia de veto ou sequer constrangimento a historiadores não comunistas, mesmo assim o Conselho Editorial resolveu tomar medidas tendentes a neutralizar as possíveis resistências. De fato, daí em diante determinou a obrigatoriedade de todos os manuscritos recebidos para publicação, passarem a ser examinados pela totalidade dos membros do corpo responsável pela revista, sendo a decisão de publicação tomada coletivamente e em consenso.

Igualmente estabelece um Corpo de Consultores Editoriais Estrangeiros a fim de congregar os historiadores fora da Inglaterra, espalhados ao redor do mundo, fato que também permitia uma maior expansão da revista além, claro, de promover contatos com a produção historiográfica internacional.

Neste sentido, foi de extrema importância a aproximação da Escola dos Annales, dos países da Europa Central e Oriental, enquanto que em relação aos Estados Unidos pouca receptividade foi registrada. Aqui, talvez tenha sido o marxismo a maior barreira, precisamente num momento de “caça às bruxas”, além do desconhecimento por parte dos historiadores ingleses das problemáticas que então absorviam a intelectualidade norte-americana.

Apesar da revista constituir um dos espaços mais importantes e significativos da produção historiográfica de nosso tempo, com um prestígio e audiência reconhecidos internacionalmente, nos idos de cinquenta foi alvo de profunda desconfiança, pois continuava a ser um veículo intelectual majoritariamente de expressão marxista e socialista.

Em 1956\57 dá-se a expulsão dos quadros do Partido de uma boa parte do grupo que até a este momento se tinha vindo a manter coeso e irmanado pelo mesmo projeto político e ideais científicos. As notícias da invasão da Hungria, os problemas com a Polónia, a chegada ao Ocidente dos primeiros testemunhos sobre as atrocidades do regime estalinista, bem como a pouca democratização dos quadros do Partido, levaram historiadores de renome como Hill, Hilton, Thompson e Saville a abandonar suas fileiras.

Após a expulsão, estes historiadores publicaram uma carta-aberta, posicionando-se publicamente contra as atitudes autoritárias do Partido, passando Thompson e Saville a fazer pública oposição. Em breve lançam uma nova revista, aparecida em 1956, sob o título *Reasoner*, tempos depois substituído por *New Reasoner*, precursora da atual *New Left Review*.

A influência exercida pelo grupo de historiadores marxistas sobre a geração de novos historiadores e pesquisadores ingleses foi imensa. Como H.J.Kaye (8) assinala, foi graças à profunda influência exercida pelo grupo que se vai operar a integração com o movimento socialista independente, organizado em torno da *History Workshop* (subtítulo tirado de uma revista publicada por historiadores e feministas socialistas), fundado em 1960 no *Ruskin College*. Melhor do que ninguém para atestar esta influência do que as

palavras de R. Samuel, uma das figuras mais destacadas do History Workshop: “ Crescemos todos à sombra dos respeitados velhos mestres como C. Hill, Hobsbawm e em particular Thompson”(9).

Notas

(1) Deste interesse resultaria a obra coletiva traduzida nos finais dos idos de setenta para o português e intitulada *Da transição do Feudalismo para o Capitalismo*. 1977. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

(2) ANDERSON, Perry. 1974. *Lineages of the Absolutist State*. London: New Left. (Existe tradução portuguesa).

(3) De fato, entre 1880 e 1890, os movimentos sociais de resistência tais como os desencadeados pelos Diggers, Levellers e Anabaptistas, foram entendidos como experiências precursoras do Socialismo. É esta a compreensão de historiadores como MORRIS, W. e BAX, Belford na obra *Socialism. Its growth and outcome*. London, 1893.

(4) SOBOUL, A. 1966. *Paysans, sans-culottes et jacobins*. Paris; 1974. *História da Revolução Francesa*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Zahar; 1979. *Les sans-culottes parisiens en l'an II*. Paris: Editions Du Seuil; LEFEBVRE, G. 1932. *La grand peur*. Paris: Sedes; 1966. *A Revolução Francesa*. São Paulo: Dibrasa; 1972. *Les paysans du Nort pendant la Révolution Française*. Paris: A. Colin.

(5) SAMUEL, R. British Marxist Historians. *New Left Review*, march/april, n. 20, (1980).

(6) KAYE, H. J. 1986. *The British Historians*. Cambridge: Polity Press.

(7) BURKE, Peter. 1990. *História e Sociologia*. Lisboa: Afrontamento.

(8) KAYE, H. J. Opus Cit. pp.230.

(9) Id. Ibidem.